

# Seis meses muito difíceis. Previsão do credor alemão.

Após reunir-se ontem, em Brasília, com o presidente do Banco Central, Carlos Langoni, Ralf Kruger, o diretor para a América Latina do Bank für Gemeinwirtschaft, o décimo banco da Alemanha Federal em ativos, apoiou a renegociação global da dívida externa brasileira, inclusive a parcela relativa a juros. A renegociação mais ampla da dívida seria, na opinião do banqueiro alemão, "a solução apropriada para o Brasil", mas ela depende de "um difícil consenso" da comunidade financeira internacional.

Kruger explicou que o seu banco "mantém a calma" diante dos atrasos de "quatro a seis meses" no recebimento dos juros da dívida brasileira, e considera necessários os esforços conjuntos dos bancos privados, governos dos países credores e organismos internacionais para que o Brasil supere ainda a fase "muito difícil" dos próximos cinco a seis meses em seu balanço de pagamentos.

Na conversa com o presidente do Banco Central, o diretor do Bank für Gemeinwirtschaft foi informado de que o acordo do Brasil com o Fundo Monetário Internacional (FMI) ainda poderá demorar mais de um mês e, se sua aprovação ocorrer no início de outubro, o Fundo desembolsará US\$ 820 milhões no final do próximo mês. Assim, nos próximos 60 dias, Kruger admitiu que o volume de compromissos em atraso do Brasil continuará a crescer, mas não o suficiente para quebrar "a impressão positiva" do banco alemão de que o País enfrentará em 1984, conforme reiterou Langoni, "situação bem mais fácil que a atual".

Kruger elogiou a mudança na estratégia brasileira de renegociação da dívida, com o diálogo aberto com os bancos credores. Lembrou que o programa inicial de ajuste das contas externas fracassou pela falta de experiência geral para a renegociação de uma dívida das dimensões da brasileira e também porque o governo brasileiro fez a montagem do primeiro pacote de empréstimos externos às pressas "e em cima da perna".

Embora os bancos alemães não discutam a participação que terão no empréstimo-jumbo de US\$ 3,6 a 4 bilhões que o País ainda precisa para fechar o balanço de pagamentos deste ano, o diretor do Bank für Gemeinwirtschaft insistiu na tese de que "a única solução pragmática para a dívida brasileira está na concessão de maior prazo de carência para as amortizações e o refinanciamento dos juros". Ressalvou que, em princípio, os bancos norte-americanos não aceitam a renegociação dos vencimentos a longo prazo para não perder o controle de suas aplicações.

A posição do banqueiro alemão tem conotações bem favoráveis ao Brasil também na sua afirmativa de que, no processo de renegociação da dívida, o governo brasileiro não deve aceitar encargos adicionais, na forma de maior spread — taxa de risco acima dos juros básicos — ou de novas comissões.

Os empréstimos globais concedidos pelo Bank für Gemeinwirtschaft ao Brasil atingem US\$ 300 milhões e, deste total, mais de 20% amparam o programa nuclear — "a Nuclebrás é o maior cliente do banco no País". Kruger manifestou certa despreocupação com a desaceleração do programa nuclear, sob o argumento de que todos os empréstimos à Nuclebrás contam com o aval do Tesouro Nacional.